

# MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15\$000.— SEMESTRE, 8\$000.— TRÊMESTRE, 5\$000.— AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigência no escriptorio desta folha, rua do Snr. dos Passos n. 91 e da Assembléa n. 34

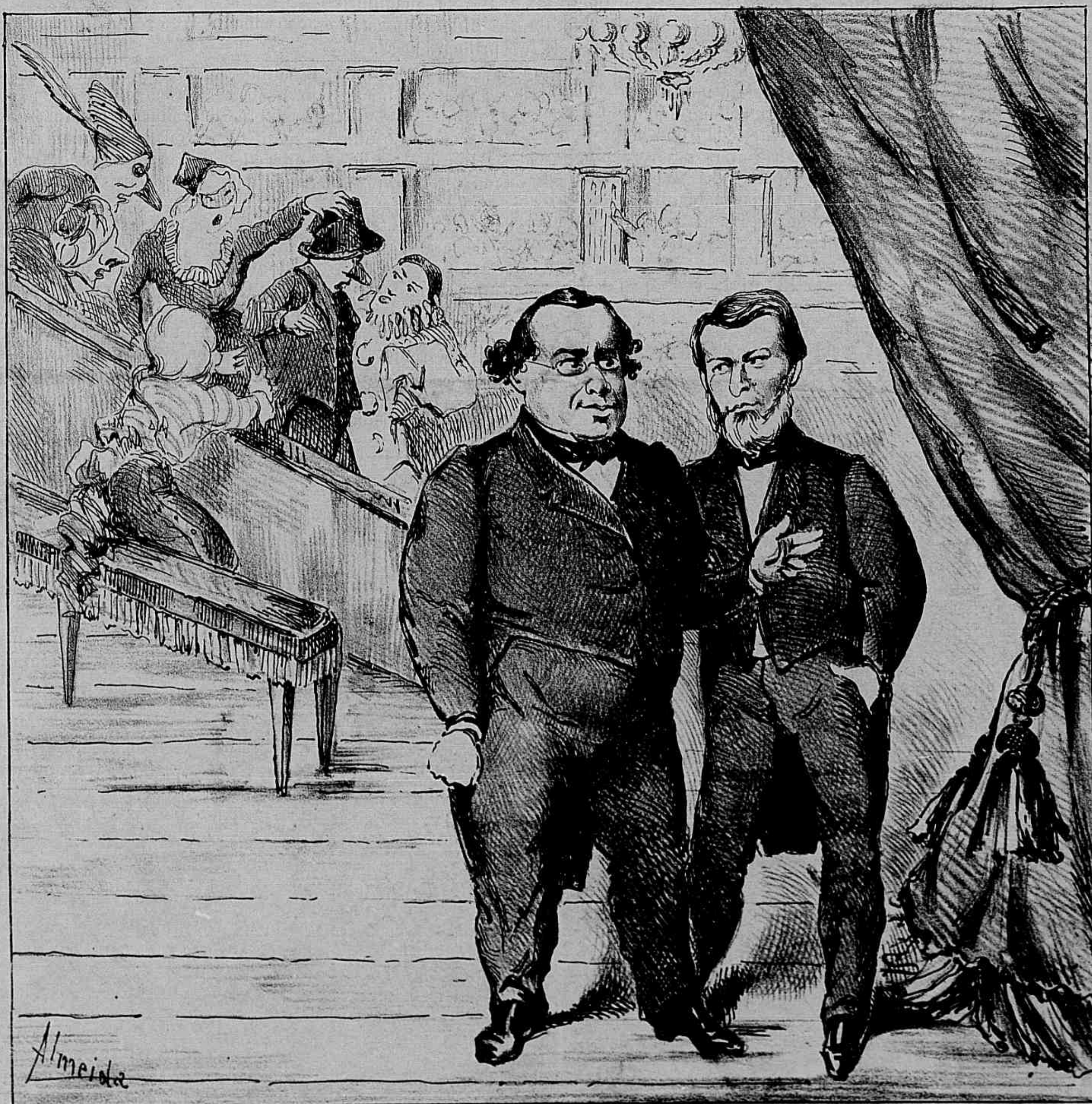
ANNO 1

DOMINGO 27 DE DEZEMBRO DE 1863.

N. 11

ESTUDOS POLITICOS EM PARIS.

—Os conselheiros no baile.—



— V. Ex. por aqui ?—E' verdade procuro distracções ao meu aturado estudo.—Tem tido noticias da nossa terra ?—  
Tenho por todos os paquetes, aquillo vai muito mal.—Sabe que a minha lei monetaria que foi revista e ampleada por  
V. Ex. está produzindo o effeito sempre esperado, só o que lhe falta é a confiança da praça.



## O MERRIMAC.

### Uma historia politica.

Era uma vez um Gram-Duque, que gostava tanto de vestidos novos, que dispendia todas as suas riquezas com os alfaiates. Quando passava revista ás tropas, quando ia ao theatro, ou dava algum passeio, era sempre afim de mostrar o seu vestido novo. A qualquer hora do dia mudava de roupa; e assim como se diz d'um rei—está no conselho, deste Gram-Duque dizia-se—está no seu guarda-roupa.

A capital dos Estados deste extraordinario personagem, era uma linda cidade, a que corrião muitos estrangeiros. Um dia apparecerão ali dous individuos, que se inculcavão tecelões, e dizião saber fabricar o mais rico estofo do mundo. Não só as côres e desenhos erão excessivamente bellos, mas os vestidos feitos desta preciosa fazenda possuião a maravilhosa propriedade de serem invisiveis para as pessoas de limitado espirito.

—E' um vestido impagavel pensou o Gram-Duque. Por virtude d'elle poderei conhecer quantos imbecis tenho na minha côrte. Sim, este vestido torna-se-me indispensavel.

A' vista desta resolução, foi adiantada aos tecelões uma grossa somma, afim de começarem immediatamente o seu trabalho; e elles o começarão com effeito, montando os seus teares, e pedindo incessantemente seda e ouro fino, que guardavão cuidadosamente, e trabalhavão com os teares vasios.

E' preciso saber o estado da obra, disse o Gram-Duque.

Mas reflectiu um momento na maravilhosa propriedade daquella fazenda. Não porque receasse de si mesmo; todavia julgou conveniente mandar alguém examinar o trabalho antes d'elle.

Toda a cidade sabia esta historia, e cada qual desejava saber se o seu visinho era imbecil.

—Vou mandar o meu velho ministro, disse o Gram-Duque, pois supponho que é quem melhor póde julgar do estofo, em consequencia de se distinguir pela sciencia e capacidade.

O honrado velho entrou na sala onde os dous impostores trabalhavão.

—Bom Deos! exclamou elle de si para si, abrindo mais os olhos, nada vejo!...

Mas não manifestou a sua surpresa aos tecelões, que o convidavão a approximar-se, e lhe perguntavão se gostava do desenho e seu colorido. Ao mesmo tempo indicavão o lugar aonde o trabalho devia existir, mas que o bom velho não via, pela simples razão de que nada ahi havia.

—Comtudo, pensou elle, dar-se-ha o caso de ser imbecil? Não ha duvida.—Mas terei o cuidado de occultal-o.

—Então que dizeis? perguntou um dos tecelões.

—Encantador, encantador! respondeu o ministro, pondo os seus olhos. O desenho e as côres!... Sim direi a S. A. que gostei muito.

—Felizmente para nós, disserão elles.

E continuavão a mostrar os desenhos imaginarios, a que davão menos proprios, e a que o ministro prestava grande attenção, para repetir tudo a S. A.

Os impostores continuavão a pedir prata, ouro e seda, para a fabricação do tecido. Já se sabe guardavão tudo e continuavão a trabalhar com os teares vasios.

Algum tempo depois; o Gram-Duque mandou por outro funcionario saber se a obra se acabava. Aconteceu a este novo deputado o mesmo que acontecera ao ministro:—Olhava, não cessava de olhar, e não via fazenda alguma.

—Não vos parece que é um magnifico tecido? perguntarão os obreiros, indicando e explicando o soberbo dosenho e as côres que não existião.

—Apesar de nada ver, pensou o personagem, julgo que não sou tão fraco de espirito! Mas se assim fôr, saberei dissimular.

Depois, fez o elogio do tecido e manifestou a sua admiração pelo bom gosto do desenho e das côres empregadas.

—E' de uma magnificencia incomparavel, disse elle ao Gram-Duque.

E toda a cidade fallava deste maravilhoso estofo.

Por fim, até o proprio Soberano quiz ver a obra, antes de concluida. Acompanhado d'uma multidão de funcionarios; entre os quaes ião os dous de que fallamos, dirigiu-se á habitação dos tecelões, que tecião sempre, mas sem fio algum, de ouro, seda, ou outra qualquer especie.

—Não é verdade que é magnifico? disserão os dous funcionarios—os desenhos e as côres são dignas de V. A.

E mostravão o tear vasio, acreditando que os outros vião nelle alguma cousa.

—Pois que?... disse para si o Grão-Duque, nada vejo! E' horrivel! Não me podia acontecer maior desgraça!

Depois exclamou:

—E' magnifico! Desde já vos testemunho a minha satisfação.

E contemplava com alegria o tecido que não existia e a respeito do qual não ousava dizer a verdade.

Todos os do sequito fingião tambem vêr, ainda que nada vião, e repetião com o Grão-Duque:

—E' magnifico!

E até chegarão a aconselhar S. A. a vestir o novo fato na primeira procissão.

—E' magnifico! E' admiravel! E' encantador! exclamavão todas as bocas, pois a satisfação era geral.

Os dous habeis artistas forão liberalmente recompensados, e receberão o tiulo de gentil-homens da real camara de S. A.

Durante a noite que precedeu o dia da procissão, trabalhavão sem descansar, á luz de muitos candieiros; e ainda que a sua obra era invisivel para todo o mundo, por fim fizeram signal de rematal-a, cortarão os fios, tirarão a fazenda do tear, e declararão que o vestido se achava prompto.

O Grão-Duque, seguido dos seus ajudantes de campo, foi immediatamente vel-o, e os falsos artistas, levantando os braços, como se tivessem alguma cousa suspensa, lhe disserão:

—Eis a calça. Eis o casaco. Eis o manto. São leves como a têa d'aranha. Pelo menos não ha o perigo de trazer-se o corpo carregado, e nisto consiste tambem a virtude do tecido.

—Tendes razão, responderão os ajudantes de campo.

Mas elles nada vião.

—Se V. A. se dignasse despir-se, disserão os tecelões, mostrar-lhe-hiamos ao espelho como o novo vestido assenta bem.

O Grão-Duque não teve duvida nenhuma em ceder a este pedido, e os impostores, fingindo tomar o preciso estofo, lhe vestirão todas as peças, uma depois da outra, até que por fim lhe disserão que estava prompto para poder ir na procissão. S. A. passava e repassava altivamente diante do espelho, e não se fartava de contemplar o seu magnifico vestido.

—Grande Deus! exclamarão todos os cortezãos, como fica bem! que lindas côres! que elegante talhe! que precioso vestido!

Nesto comenos, entrava o mestre de ceremonias.

—Tudo se acha prompto para a procissão, disse elle. O palio que deve cobrir a V. A. acha-se á espera.

—Vamos lá, re-pondeu o Grão-Duque. Parece-me que já não estou mal vestido para passear nos meus Estados.

E passou ainda outra vez diante do espelho, para contemplar novamente o effeito do seu vestido.

Os camaristas que deviam sustentar a cauda, fizeram acção de levantar alguma cousa do chão, que continuarão a sustentar, para darem a crer que o vestido lhes era visivel.

Durante a procissão, quando o principe marchava altivamente debaixo do seu rico palio, toda a gente, da rua e das janellas, exclamava:

—Que lindo vestido?—como a cauda e graciosa! como o talhe é perfeito!

Ninguém queria dizer a verdade, receiando ser declarado imbecil; e por anto nunca os vestidos de S. A. excitarão tão viva admiração.

—Mas por fim, disse um rapasinho que se perdia na multidão, o que me parece é que o Grão-Duque vai apenas em camisa!



— E' verdade! E' verdade! responderão alguns. Diz muito bem o innocente!

E começou esta novidade a circular pelas turbas, que se rirão do Grão-Duque não leva vestido algum!

— Vai simplesmente em camisa! disse por fim todo o povo.

E o Grão-Duque, como é de suppor, ficou extremamente vexado, pois lhe parecia que elles tinham razão. Todavia, tractou de dissimular, e tomou esta resolução:

— Seja o que for, é preciso que eu fique até ao fim.

Depois voltou-se muito mais altivamente, e os camaristas continuarão a sustentar com respeito a cauda que não existia.

Nesse mesmo dia, quando tratarão de procurar os tecelões, para pedir-lhes contas da sua falsidade, tinham desaparecido.

Não acharão os leitores nesta simples historia alguma moralidade?

## Tipos perigosos.

### II.

#### X PEQUENO.

(Continuação do n. 10.)

Como muita gente que por ahi anda, está tambem Augusto das Neves sujeito ao pequeno badalo de uma campainha, e por isso deixou-nos sem que soubessemos quaes erão as outras mulheres que occupavão os demais quartos do *public-house*.

Deixem portanto os leitores que procuremos a nossa heroína a vêr se com effeito a encontrarmos, e se é verdade e que a seu respeito nos haviam dito.

No entanto contar-vos-hei a historia de Augusto das Neves, desse moço inexperiente, cuja fortuna consumio-se na adoração religiosa de um amor que lhe parecera divino e que a desgraça mostrou-o positivo e tetrico, baixo e... humano.

Augusto das Neves já mereceu a penna de um elegante escriptor Dias da Silva, que o chrismou por Luiz.

Nós porém que fallamos sem reboço o trataremos por seu proprio nome.

Lêde.

« Ao findar de uma calmosa tarde de dezembro de 1858, o céu era de um azul surpreendedor; o mar sereno e tranquillo, vinha beijar as areias da praia com suave murmurio, e os montes que circundão nossa bahia, envolvião-se em véo tão diaphano e transparente como um pensamento de virgem. Nessa tarde, quem passasse pela rua da..., veria voluptuosamente reclinada sobre um divan de gramma, assombreado por quatro ou cinco pés de accacias, uma linda mulher, um verdadeiro typo brasileiro; trajava um elegante roupão branco com mangas á *Zuavo*, ordenadas de crespos, que deixavão vêr dous bem torneados braços, que pendião languidamente; o collo arfando docemente, demonstrava a prostração proveniente da calma; era enfim uma morena de olhos e cabellos negros, e labios humidos de accender desejos!

« Era um anjo decahido por um momento do seu altar de pureza, que, graças á creença intensa n'um futuro longiquo, se rehabilitára para essa sociedade, que repudiando a mulher illudida, acolhe o seductor infame que a aviltou! Quanto sentimento não tinha o sacrario daquella alma de vinte annos, illudida em suas primeiras creenças?!

« Assim como no antro das minas existe o ouro coberto de gellatinosa argilla, assim naquella alma havia muito amor!

« A essa hora em que vos fallo, para alli se encaminhava a passos lentos um mancebo claro, de cabellos louros, com um pequeno bigode *soigné*, ornando-lhe o labio superior; trajava uma alva calça e collete, tendo uma estreita gravata azul-celeste caprichosamente atada em volta de um colarinho á *Pinard*, e uma bem talhada sobrecasaca lhe desenhava as formas.

« Era Augusto.

« Era uma dessas formações altivas e generosas, uma alma

poetica; trazia estampado nas feições o soffrimento; seria capaz de offerecer a vida com enthusiasmo pelo triumpho de uma idéa. Na aurora da vida, tinha o coração despedaçado, havia creado em sua imaginação um ente phantastico a quem idolatrava e que julgava sobrenatural.

« Porém Deos, o grande architecto da natureza, havia collocado na arida estrada do cansado caminheiro, a limpida fonte onde elle se refazia de forças para findar a jornada.

« Ao vêr essa mulher tão bella estremecêra, via realisado o sonho, que em seu devaneio de poeta havia creado; o seu coração pulsou, os olhos semi-fecharão-se como para fugir a uma visão, seus labios abrirão-se como para soltar um grito, e só um suspiro extremo se deslizou por elles!

« X não fôra indifferente ao choque do mancebo, anhelando uma alma que comprehendesse a sua, sentira naquelle olhar de fogo, muito amor e igualdade de soffrimento. »

Ainda de todo não se havia roçado no mundo. Em sua alma ainda havia um sentimento.

« Era essa faísca electrica que une os corações que soffrem como uma cadêa invisivel e mysteriosa, que viera pousar sobre o della.

« Desde esse dia, o semblante alegre e risonho de x se havia tornado melancolico e triste, todas as tardes áquella mesma hora, ella vinha sentar-se sobre o divan, porém debalde, ao anoitecer se retirava mais triste e pensativa.

« Quinze dias se tinham passado. Quando ella vinha de novo sentar-se no mesmo lugar já sem esperanza de tornal-o a vêr, sentio roçar-lhe o braço as pontas de um papel cuidadosamente dobrado, que se achava escondido entre a gramma que formava o espaldar do divan; forte commoção percorreu seu corpo ao apoderar-se desse papel, desdobrou-o e...

« Duas lagrimas tremularão em seus cilios para deslizarem-se silenciosamente por suas faces; era o orvalho do coração que vinha alentar as flores d'alma. Ou antes o sentimento profundo de não saber ler.

« Essa noite foi de insomnia, velou na contemplação daquelles caracteres que lhe trazião a felicidade, que igual a esses philtros venezianos, penetravão no coração.

« Augusto amava aquella mulher com o ardor de um coração de vin e e quatro annos, possuido de muitas aspirações que felicidade e ennobrecem o homem, timido como uma donzella, julgava impossivel a realisação desse amor, e só depois de uma grande lucta é que deixára exhalar esse canto d'alma.

« Os quinze dias passados, forão de incertezas e esperanças, até que nessa tarde, a titulo de comprar algumas flôres pôde ali penetrar, e n'um momento de descuido do feitor, pôde ahi introduzir essa declaração.

« E quanto não lhe custou! »

D. CLARA.

(Continua).

## SCENAS SOCIAES.

APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICOS HYBRIDOS, ETC.

Pretensões a Revista.

Eu esta semana quasi que estive sentenciado a não dar esta massada aos meus leitores.

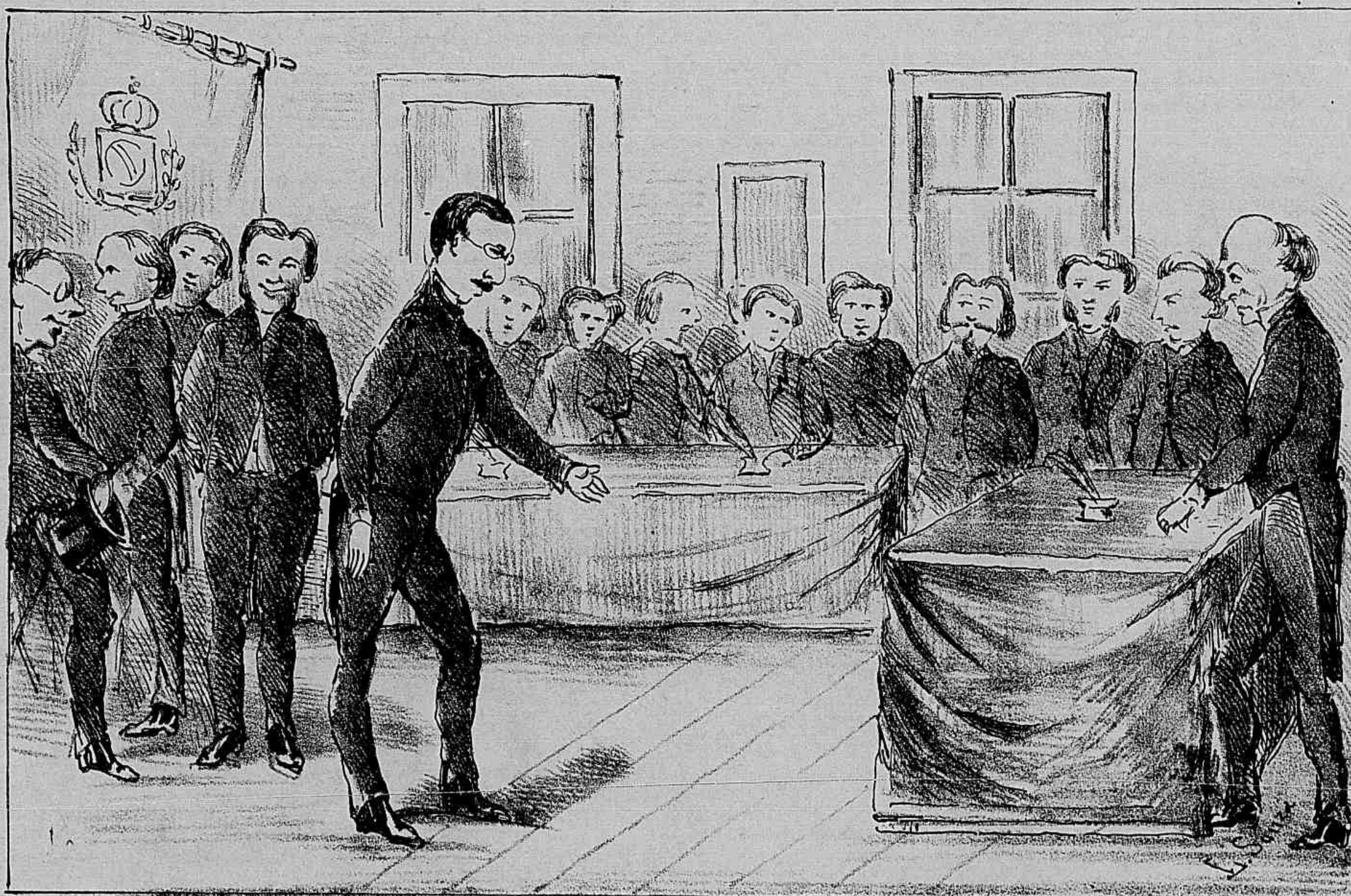
Talvez que elles lucrassem.

O meu phisico está bem visto que não se dá com a estação actual.

Depois para que digamos a verda le eu sou um pouco amigo da pinga, porem entenda-se, nunca me ponho de *touca*.

Ha por ahi muito má lingua que diz, que a minha doença é *moafu*, porem está conhecido ser falso, porque eu só bebo cerveja e vinho, e sempre em *muito pouca* quantidade, já se sabe.

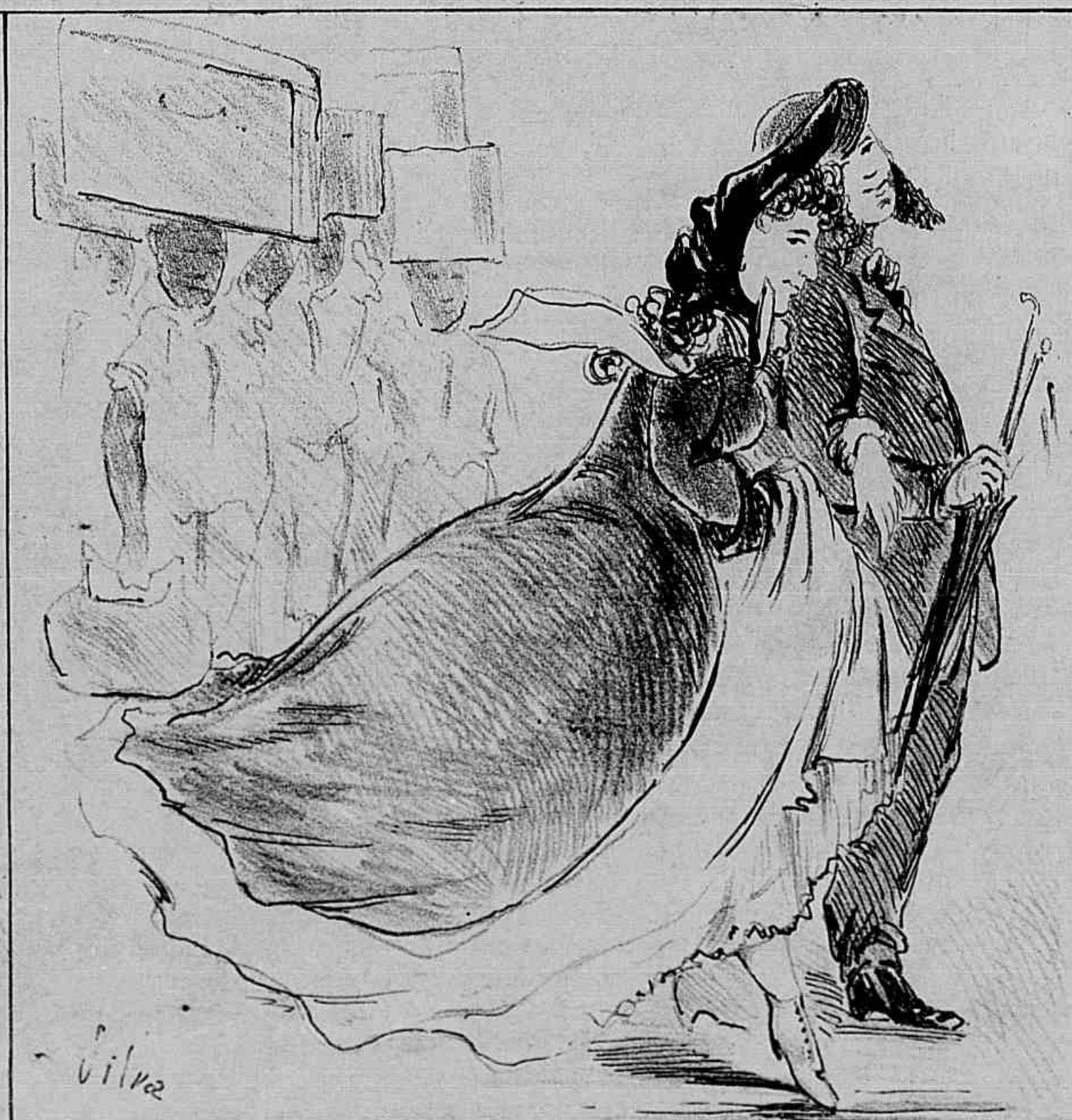




— O Sr. Ameixa Pereira por causa do patronato atopettou esta secretaria de gente, e não havendo trabalho não sei que destino lhe dar;—passe o diploma a mais estes quatro addidos, senhor secretario, para ver se o trabalho fica em dia.



Chegada de França ao Brasil.



Partida do Brasil para a França.

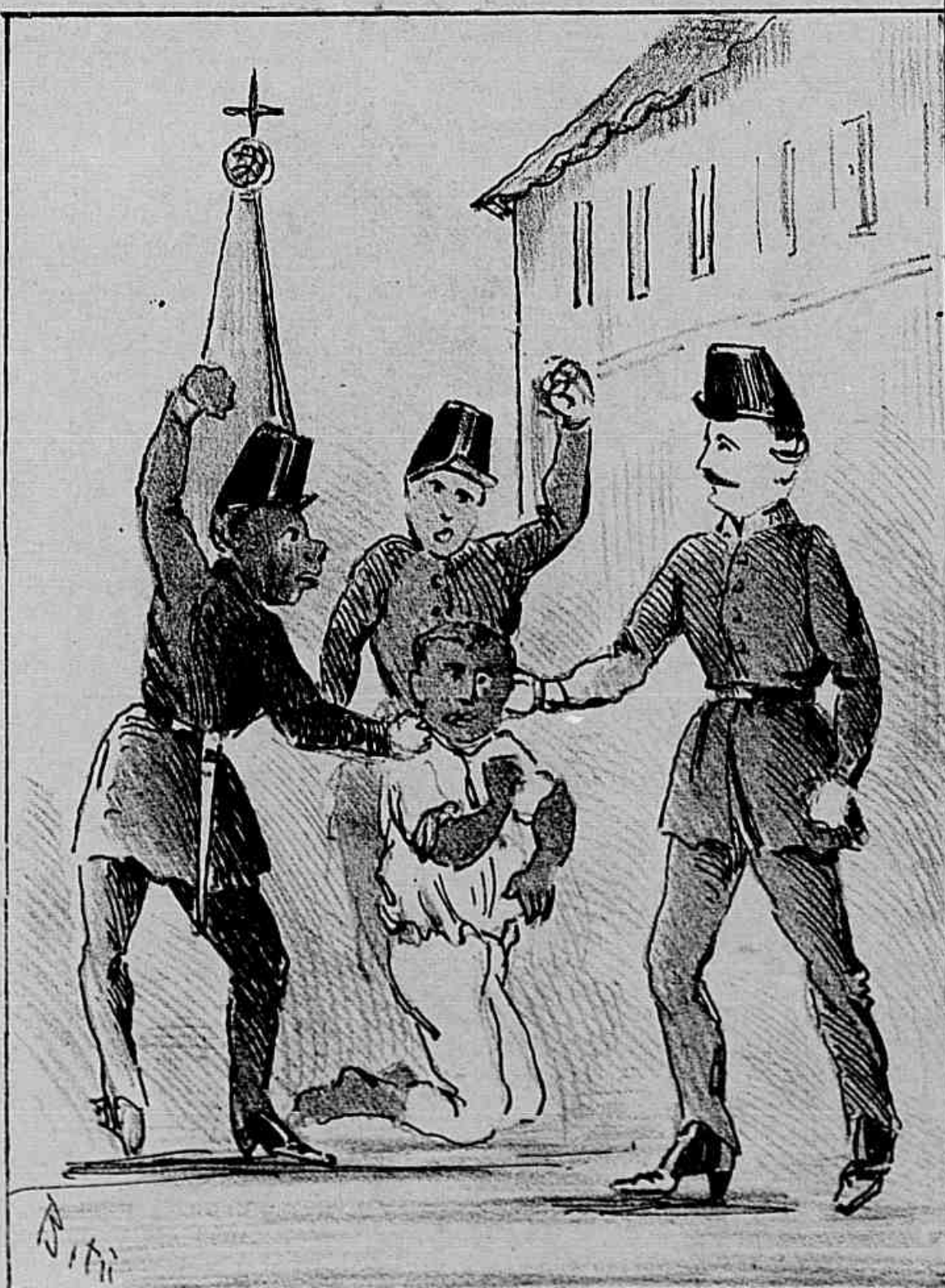




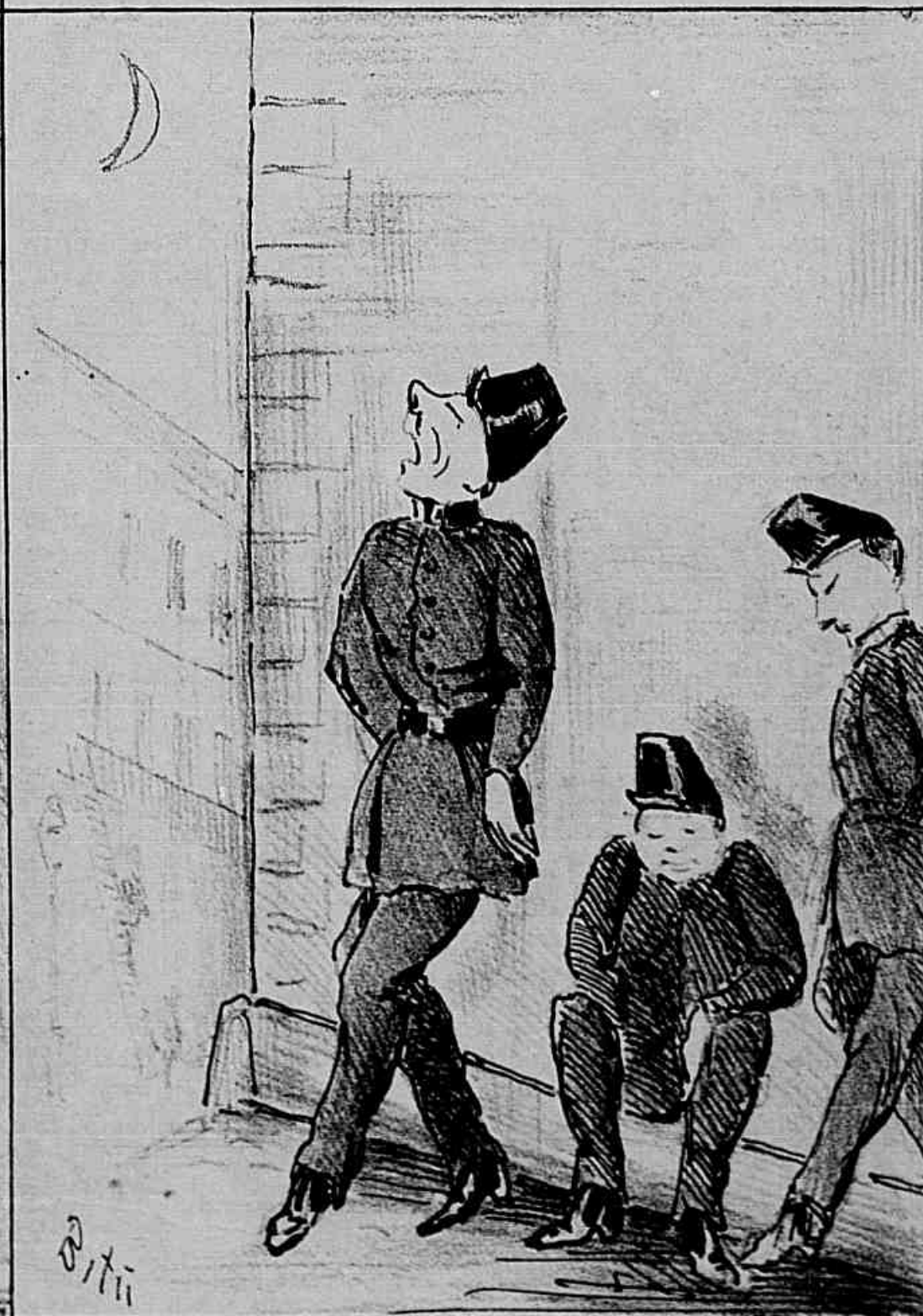
Doutor, não posso ouvir o *Miserere* do Trovador, sem que minha alma dilacerada não vá percorrer as esferas luminosas do firmamento...tomaria bem um sorvete de cajú.



—Oh! Dona Candinha já se retira?  
—Que quer, seu Maneca maiã está com uma vontade d'ir s'imbóra immensa!



De dia—arreganho militar contra qualquer desgraçado, que lhes cahir nas mãos.



De noite—dormi bons fluminenses, que a policia vella por vós.



O que é certo, é que eu não sei o que tenho; aconselháram-me que tomasse *hirci*, porem fiquei completamente impossibilitado, porque creio que dormi em pé.

Isto de proprietarios de jornaes é que são os culpados, dão espirito aos redactores, e ficão igualmente espiritualizados.

Eu com o que embirro é que me chamem *moaça*, isso sim senhor, — desejo retirar-me da companhia do anno actual na maior harmonia com a gente honrada, que nunca bebe bebidas.

E' verdade, vem isto a proposito de lembrar aos nossos assignantes que é este o ultimo numero do *Merrimac*, no nunca assaz chorado anno de 1863.

Que em boa hora se retire, pelo pouco bem que nos trouxe.

E' verdade.

Estamos em vespervas d'assistir ao enterro do anno presente, e de baptisar o bissexto de 64, que é de suppor traga melhores esperanças.

Eu creio que o actual 63 não deixa saudades.

Pelo menos cá pelo paiz não deixou prova alguma da sua utilidade em cá ter vindo.

Forão varios os successos que se podem chamar importantes, que mandarão a face da nossa sociedade durante a sua vida de 360 dias, porem como lhe faltão ainda 3 dias de existencia a percorrer, guardo-me para o anno seguinte para fazer uma resenha escripta e desenhada, collocando todos os personagens que se tornarão celebres, cujo quadro será, o nosso presente de festas aos nossos assignantes.

Amanhã é a festa do Natal, já se sabe que eu fallo na quinta-feira, dia em que escrevi a chronica, faço tenção de festejar o nascimento do nosso redemptor, tomando o conselho do tio João Viramundo.

Hade haver por isso muitissimas cabelleiras, porque algumas conheço eu que já começarão no domingo, e que supponho que resolvêrão entrar no anno novo de chapeo armado.

Deos lhes faça a vontade.

Eu cá os espero para a recepção d'iscelebridades bacanaes.

A maior parte da gente, e gente entendida, diz por ahí que o mundo é redondo, eu por mim como simples conhecedor da cartilha do Padre Ignacio, adopto a idéa, porque vejo claramente que andão todos a *rebollar* e dão *cambalhotas* de perder a cabeça.

Eu acredito que em consequencia do continuo girar d'esta nossa maquina sobre seu eixo, as molas estão gastas e por isso o movimento cada vez é mais irregular.

Eis aqui uma idéa que a academia de Pariz pagaria com um diploma de seu socio.

Eu porém disisto dessa honra.

Está visto que não creio no progresso.

Deixar o Paletan dizer que *Le monde marche*, elle marcha, lá isso é verdade, marcha porem sobre o seu eixo.

Lá quanto ao mais, isso não senhor, apontem-me se é possível um exemplo que o prove.

Ahi tem o paquete que chegou lá do mundo civilizado, e pelas noticias que elle nos trouxe, verão os leitores a maneira porque aquella gentinha de lá está resolvida a finalizar o anno.

E' bordoadada de cégo.

No meio da Europa, um espectáculo de carnificina que os graves progressistas deixão executar para sua conveniencia.

Isto é progresso?

Acabou-se com a nobreza de sangue que sempre tinha algum valor, hoje estabelecerão a nobreza do dinheiro, que faz com que o mundo estúpido domine a gente entendida.

Então isto também é progresso?

O progresso lá na Europa, segundo dizem as noticias, fundase em fabricar navios encouraçados para se destruirem uns aos outros, em obrigarem os povos á força bruta a seguirem um regimen em razão indirecta do seu bem estar, a darem honras a quem tem dinheiro, a deixarem morrer de fome quem tem talento, a recompensarem os tratantes, e mandarem para a cadeia os que são honrados.

E viva o progresso!

Infelizmente, diz o paquete que todos os monarchas estão de

saude; já vê a excepção do nosso Christiano da Dinamarca, que fez ablativo de viagem, e que portanto já se não conta.

Diz também que todos os papas estão no mesmo lugar, e que o papa ainda está em Roma, mas que come fóra da cidade.

Tambem por lá se vai acabar o anno, o que senão sabe é se será no mesmo dia.

Ahi tem o Praxedes que fazer.

O Nadar projecta segunda viagem as regiões ethereas, mas desta vez creio que não ha passageiros por falta de porto de destino.

Em Lisboa dispençarão os *frades* de fazerem guarda de honra aos chafarizes, dividindo-os pelo centro das ruas para substituirem os municipaes.

Houve um grande fogo que com o auxilio das ultimas descobertas do *progresso*, ardeu até ao fim com perfeita execução.

E emfim muitas outras cousas que os jornaes por ahí dizem e desdizem.

.....

No Club da Assembléa discute-se ainda a lei dos diplomas, depois das grandes discussões do Octavio Julianno, tem-se decidido que todos as injustiças forão justias, que todas as *pauleladas* forão muito bem applicadas, que todas as authoridades estavam no seu direito, e que portanto todos os deputados erão muito bem *deportados* entrando elle no numero.

Bem diz o *Mal das vinhas* que a politica é *harmonioza*.

Em vista daquelle debate está o club competentemente organizado, e vão começar os debates.

Eis o estado de politica actual ao começar o anno de 64.

Temos porem pouco mais que noticiar sobre os theatros porque esses estão quasi na mesma revelia que o anno que acaba.

S. Pedro é na actualidade o que representa maior pessoal, e se todo elle não é verdadeiramente artistico, pelo menos pode-se escolher d'entre elle algumas figuras soffríveis.

Ha porém ali uma difficuldade de mudar o capacetelo pelo chapeo redondo, alguns dos artistas d'aquelle theatro se lhes faltar em scena o punho da espada onde descancema a mão para darem a elegancia ao corpo, ficão completamente perdidos.

O Amoedo virou casaca, e lá foi com bagagem *natural* e *artificial* para os arraiaes de S. Pedro.

Infelizmente para o publico fluminense, o fim do anno de 63 marca uma epoca bem triste nos annes do nosso theatro, permitta a Providencia que isto mude com o novo anno, porque senão vamos dicididamente dar á costa com a arte dramatica na America do Sul.

O Gymnasio coagido pela falta de protecção do publico, vai batendo em retirada, e alguns de seus soldados já tem dado ás de Villa Diogo.

No Gymnasio teve lugar o beneficio do artista Pedro Joaquim com a comedia *Aristocracia e dinheiro*.

O theatro como é de supôr esteve quasi vasio, e os artistas forão recebidos quasi com indifferença.

Lacerda, no desempenho de seu papel, talvez um de seus melhores successos, andou com maravilhoza destreza e conhecimento de scena.

No *Epitaphio* é elle menos feliz, comtudo a longa pratica que tem adquirido e o seu conhecimento, fazem-no sempre sobressahir.

A artista Carolina Falco foi igualmente bem succedida. Pedro Joaquim parece andar doente, tem feito differença muito sensivel.

O Vasques, esse é a alegria do espectáculo, e nessa noite tanto trabalhou que rompeu a calça.

O artista Lacerda vê tristemente frustradas as suas esperanças, de poder ganhar até mesmo para as despezas.

Illudio-se com o repertorio e com o publico, devia ter feito a idéa que por cá anda-se um seculo na *vanguarda*.

Devia-se ter unido do Manoel Mendes Fogaça, dos Doze pares de França, e dos Faustos da Inquisição, isso sim se



nhor, isso é que está verdadeiramente em harmonia com o caracter da *época*.

Eu por mim não desanimo, creio ainda uma regeneração em S. Francisco possível, com o *mise-en-scene* do seu repertorio.

Eu acredito o publico desta cidade sizudo bastante, para tomar na divida consideração o que por ahi se alardêa barbara e covardemente contra aquelle artista, injurias que quando mesmo bem fundadas, nada tinhão com a sua vida publica de artista.

Mas se a calúnia para vencer precisa daquella arma!

Eu estou propenso a acreditar que a decisão da opinião publica lhe é favoravel, desde que a *vergonha* dos jornaes do imperio, como disse o *Fucturo*, e infelizmente se chama *Portuguez*—publicou nas suas columnas algumas palavras, que eu me cinjo a tomar como portuguez de *tarimba redaccional*.

Quando mesmo o credito de semelhante papeleta não fosse tão pouco, creio que a opinião publica lh'o teria retirado a vista deste ultimo documento.

Mas como eu ia dizendo, o Gymnasio acha-se em férias—só aguardamos o começo do anno para saber se ficou approvado.

A respeito de theatros, temos conversado—está tudo no mais profundo silencio.

Apenas o governo, para preencher essa lacuna, vai mandar abrir o *presepio* da rua do Conde.

Ao menos assim somos bem compensados.

Lyrico—S. Januario!... estão em reparações para a festa dos Reis Magnos.

E' quanto a mim o ponto em que vamos mais adiantados.

O governo espera de Lisboa uma outra magica como o Sanguão para fazer progredir a instrucção das classes que frequentão o nosso theatro.

Qualquer circumstancia de conveniencia, nacional cuja marcha dependa directa ou indirectamente de um acto do governo deste paiz, tem toda a certeza de dar em *vaza barris*.

E' tamanha a presteza com que se dão as providencias, que o correio escorrega e parte o nariz.

Regularidade mechanica.

Fatal cegueira!

Temos tambem um Circo Gymnastico, ou que faz gymnastica, mas em virtude da festa do nascimento, está tambem em festa.

Não é porque não hajão divertimentos *publicos e instructivos*, é porém o anno que se vai retirar.

Não sei qual o motivo porque hoje até mesmo os *clubs* vão perdendo a freguezia dos amadores.

No Alcazar a não ser o beneficio da Risette pouca gente tem ali affluído.

Nesse dia sim senhor, houve enchente que era de uma pessoa torcer a camisa, a nossa já se sabe, porque a da beneficiada creio, isto he parece-me, que estava bem secca, tão secca que a proprietaria engasgou-se duas vezes.

O espectáculo para que digamos com franqueza, estava soffrivelmente dividido e apresentou novidade.

Risette agradou, como agrada sempre ao povo do Alcazar que o que quer, é que se lhe permita fazer um acompanhamento de bota e bengala a qualquer cantiguinha, a que elle responde em côro.

Ora segue-se que em vista do exposto, qual é o dilittante que se acha authorisado a affirmar que a mulher canta bem ou canta mal? ninguém, assim o julgo eu.

Cantou muito, lá n'isso estou de accordo e tambem que cantou couzas bonitas.

Risette, é por sem duvida a artista do seu genero que mais agrada nos Clubs, contudo d'alli á perfeição ha uma pequena distancia a percorrer, que eu creio que nem no caminho de ferro se vence.

E' contudo razoavel asseverar, que com a mudança de algumas artistas *la troupe* do alcazar satisfaz *parcialmente*.

O senhor Arnaud deve tomar a peito a disciplina do estabelecimento, e fazer que dependa de si o bom porte dos artistas.

E' vergonha os desafios.

Não são conselhos só sim recommendações.

Não sei se sabem, que a Risette está outra vez doente, depois do beneficio.

Continúa a dança antiga.

Nós aconselhamos-lhes que não abuse do publico, porque póde ter muito máo fim.

Na Rua d'Ajuda ha por consequencia mais regularidade na administração.

Eu fui injusto em dizer no numero passado que mestre Brisson tinha pago a alguém para patear no alcazar, informado hoje por pessoa competente, declaro para honra da empresa que tal facto não se deo.

Está salva a justiça do cazo.

O nosso Gabel que o publico não soube ainda deveras apreciar—tem nos encantado com as suas scenas escolhidas.

Quanto a artistas está o El-Dorado, na minha opinião, o mais bem servido possível em todos os generos por Gabel, Cherry, Valotte e Voizeul, porem das artistas tem falta e apenas a possa prehencher teremos uma companhia muito soffrível.

Ao menos para que o publico, em vista da encerração dos theatros, possa ter onde passar alguns horas de recreio sem se ver forçado a ir aos depositos de cervja.

Eis quanto tenho a expor aos meus illustres assignantes sobre acontecimentos politicos, theatraes, plasticos, artisticos.

Nada mais ha que conste nos autos do nosso viver social, e por isso faço a presente *chronica* para me despedir dos meus *afamados* leitores, até ao anno que vai apparecer na successão continua dos seculos.

Se alguém tiver de succumbir, pede a redacção a sua familia ou a quem o representar—que tenha na divida consideração a divida do pobre *Merrimac* que se acha á *divina* de dinheiro para as suas *cabelleiras*.

Quem pagar a sua assignatura receberá um diploma, não da rua d'Assembléa, mas de bom cidadão, homem honrado e bom pai de familia.

Visto o meu estado de *mauafa* vou retirar-me, convicto que terei de encontrar muitos amigos no caminho.

Até ao anno.

## Paixões modernas.

SONETO.

« Não me apertes Mimi, não estou affeito  
A soffrer assim tantos carinhos! »  
Era o que no meio de uns beijinhos,  
Eu dizia leitor com muito geito.

« Não me amas! » diz ella com despeito;  
E n'um segundo molharão-se os olhinhos  
D'essa bella Mimi cujos dedinhos  
Passavão-me a miudo sobre o peito.

De repente pensei que enlouquecia;  
Pois jurando-me sentir fatal paixão,  
Tira-me a bolça, abre e.... vê vazia!

Pallida exclama: — « Oh! Céos! Oh! illusão!  
Que molestia! que horror! que epedimia!  
Tanta gente meu Deus sem coração!!! »

B. L.

## Rio de Janeiro.

Typographia Portugal e Brasil, rua d'Assembléa n. 54.





PARA AS FESTAS DO NATAL.  
Boas saídas lhes desejamos....melhores entradas se possível for— Amen.